

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO *CODE-BLENDING* OU SOBREPOSIÇÃO DE LÍNGUAS E SUAS RELAÇÕES COM O *CODE-SWITCHING*

CONSIDERATIONS ABOUT THE *CODE-BLENDING* AND ITS RELATIONS WITH THE *CODE-SWITCHING*

CONSIDERACIONES SOBRE EL *CODE-BLENDING* Y SUS RELACIONES CON EL *CODE-SWITCHING*

Leydiane Ribeiro Duarte*
Rodrigo Mesquita**

Resumo

Neste artigo, procuramos dialogar com alguns dos importantes estudos feitos sobre o fenômeno linguístico denominado *code-blending*, um fenômeno característico do bilinguismo bimodal. Falantes bilíngues bimodais podem sinalizar uma língua de sinais e falar uma língua oral, além de alternadamente, ao mesmo tempo, o que não é facultado a falantes ‘monomodais’ ou ‘unimodais’. O objetivo do trabalho é incentivar e fornecer às futuras pesquisas um direcionamento para novas investigações sobre um fenômeno ainda pouco explorado na literatura. Para tanto, realizamos uma breve revisão bibliográfica, com maior ênfase em algumas das importantes publicações das duas últimas décadas, período em que o assunto começou a chamar a atenção ao ser observado sob variados enfoques, despontando-o como um tema pertinente para várias áreas de investigação. Um maior foco é colocado sobre as discussões acerca da caracterização do *code-blending* como fenômeno distinto e ao mesmo tempo relacionável ao *code-switching* ou alternância de línguas.

Palavras-chave: bilinguismo bimodal, *code-blending*, *code-switching*.

Introdução

Os estudos que envolvem línguas de sinais, durante sua primeira etapa, desenvolveram uma série de pesquisas com a finalidade de fornecer os subsídios necessários para o reconhecimento do *status* dessas línguas como naturais, tal como sempre foram reconhecidas as línguas orais. Vencida essa importante etapa, diversas questões têm despontado nesse vasto e promissor campo de investigação linguística, entre elas, as questões relativas à modalidade. O sujeito bilíngue pode ser classificado, seguindo Petitto et al. (2001), como unimodal (ou

*Especialista em Educação Inclusiva pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura - FABEC. Tradutora-Intérprete do Instituto Federal de Goiás - IFG. E-mail: leydiane.ufg@gmail.com

**Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Professor na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: rodrigomesquitago@hotmail.com

monomodal) quando domina duas línguas orais ou duas línguas de sinais, ou como bimodal (ou intermodal), quando domina duas línguas de modalidades distintas.

As pesquisas sobre o bilinguismo bimodal têm despertado o interesse, nas últimas décadas, de diversas áreas das ciências da linguagem, tais como a linguística (formal, incluindo os ramos da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica), a linguística aplicada, a sociolinguística, os estudos de aquisição da linguagem, a neurolinguística, etc. Em conjunto, esses trabalhos somam forças para caracterizar a natureza do bilinguismo bimodal, ou seja, da mente bilíngue e da comunicação bilíngue em geral, incluindo os arranjos linguísticos e cognitivos, as funções semânticas, pragmáticas e as motivações sociolinguísticas atuantes.

O presente trabalho busca oferecer uma breve revisão bibliográfica baseada em alguns dos importantes estudos feitos sobre o fenômeno linguístico denominado *code-blending*. Característico do bilinguismo bimodal, também é conhecido na literatura em português sobre o tema como “sobreposição de línguas” (SOUSA e QUADROS, 2012; QUADROS et al., 2013a, 2014) e é caracterizado pelo uso simultâneo das línguas envolvidas.

No Brasil, isso pode ocorrer, por exemplo, com falantes fluentes em Libras, uma língua de sinais processada através do canal viso-espacial, e o português, pelo meio oral-auditivo. Quadros et al. (2013a, p. 387) explicam que “as línguas estão sempre disponíveis para os bilíngues e podem ser acessadas de forma alternada ou simultânea, neste último caso, se forem em modalidades diferentes”.

Além do bilinguismo bimodal, alguns fatores podem operar a favor da ocorrência da sobreposição de línguas. Por exemplo, a fluência proporcionada pela aquisição natural de línguas de modalidades distintas coloca alguns indivíduos como um grupo com maior potencial para utilização do *code-blending*. De acordo com Emmorey et al. (2005), uma determinada comunidade bilíngue é formada por adultos ouvintes que cresceram em famílias de surdos e que, não raro, adquiriram, de forma natural, uma língua de sinais e uma língua oral. Dessas pessoas, cuja identidade cultural é constituída, em parte, justamente pelo bilinguismo bimodal, muitas se identificam como Codas, ou seja, filhos ouvintes de pais surdos.

Para uma melhor caracterização do fenômeno, investigamos como o *code-blending* se relaciona com o *code-switching*, outro fenômeno linguístico comum em contextos de bilinguismo. Pontuamos algumas de suas semelhanças e distinções, a partir de estudos que trataram particularmente de um dos fenômenos ou que os relacionam sob aspectos variados.

Em todo o artigo são levantadas algumas questões pertinentes sobre a sobreposição de línguas, que pairam na literatura dedicada ao assunto. Boa parcela desses estudos foi publicada nas duas últimas décadas, período que constitui a maior parte do nosso recorte bibliográfico. A maior parte dos estudos contemplados analisa os pares ASL (Língua de Sinais Americana)-inglês e Libras-português.

Code-blending e code-switching ou sobreposição e alternância de línguas

A necessidade de um tópico para distinguir dois fenômenos linguísticos se dá, naturalmente, por apresentarem em sua natureza pontos de semelhança. *Code-switching* e *code-blending*, além de frutos do bilinguismo, se assemelham por: funcionarem como recursos linguísticos para atender a uma gama de funções discursivas e pragmáticas; serem indícios de motivações sócio-psicológicas operantes no discurso; fornecerem dados linguísticos para estudos das restrições e adequações gramaticais observadas em diferentes pares de línguas; serem marcadores de uma determinada situação sociolinguística, no caso de algum grupo ou comunidade linguística; serem relacionáveis a fatores culturais e de identidade e fornecerem, portanto, subsídios para a educação escolar, especialmente o ensino de línguas, seja como primeira (L1) ou segunda língua (L2), nos mais diversos contextos educacionais. Há, porém, distinções cruciais entre os dois fenômenos.

O *code-switching*, ou alternância de línguas, é definido por Grosjean (1982, p. 145-146) como “o uso alternado de dois ou mais códigos por indivíduos bilíngues numa mesma interação conversacional”. O fenômeno, que inicialmente foi interpretado como interferência (WEINREICH, 1953) dentro de um contexto que primava pelo estudo do sistema, passou de uma posição periférica (interpretado muitas vezes como mero recurso para preencher lacunas no léxico) ao ponto de destaque em vários estudos, a partir da década de 1970, tendo como marco a publicação do conhecido artigo de Blom e Gumperz (1986[1972]). Especialmente a sociolinguística (aliada aos desenvolvimentos de estudos estruturais e psicolinguísticos) deu ênfase ao *code-switching*, estabelecendo bases teóricas e classificações que vêm sendo reelaboradas até os dias atuais.

O sugestivo título do artigo de Poplack (1980) *Sometimes I'll start a sentence in english y termino em español* exemplifica uma alternância de línguas, no caso, entre inglês e espanhol. Trata-se de um fenômeno muito comum na fase de aprendizado e aquisição de línguas em contextos de bilinguismo ou multilinguismo, seja de forma natural ou mediada.

O *code-switching* não é, entretanto, exclusividade das línguas orais. No bilinguismo intermodal, ele se dá quando o indivíduo sinaliza e fala alternadamente, podendo isso ser mais ou menos recorrente ao longo do evento de fala. Sousa e Quadros (2012) analisaram a alternância de línguas entre bilíngues bimodais, em Libras e português, e mostram que esse fenômeno, assim como acontece entre línguas orais, está sujeito a fatores sociolinguísticos (tais como faixa etária e participantes dos eventos de fala) e apresenta características gramaticais complexas, podendo envolver inserções de itens lexicais unitários ou segmentos maiores.

Diferentemente do *code-switching*, o *code-blending*, já caracterizado como uso simultâneo de duas línguas dentro do discurso, somente é possível em línguas de diferentes modalidades. Nas línguas orais é predominante o funcionamento de um canal articulatório, o da fala, o que torna fisiologicamente impossível a sobreposição de línguas. Ao usar uma língua de sinais – que utiliza basicamente as mãos, além de outros recursos expressivos e referências do próprio corpo e suas adjacências – os órgãos da fala estão disponíveis para atuação, o que pode proporcionar ao falante a utilização simultânea dos dois códigos, ou seja, o *code-blending*.

Gramaticalmente, *code-switching* e *code-blending* estão sujeitos às restrições linguísticas resultantes das diferenças estruturais entre os pares de línguas envolvidos. Faz-se importante, assim, assinalar que pares como ASL-ínglês e Libras-português contam com línguas gramaticalmente independentes e distintas em vários aspectos. Fung e Tang (2013) apontam as diferenças estruturais também entre a HKSL (Língua Gestual de Hong Kong) e o cantonês e as apontam como constitutivas de uma gramática de *code-blending* diferente para adultos e crianças.

As análises gramaticais entre os dois fenômenos também podem seguir caminhos distintos. As análises do *code-switching* intrassentencial geralmente são o alvo das investigações que buscam indícios sobre o modo como as duas gramáticas da fala bilíngue interagem em nível das sentenças ou de outras unidades de análise. As discussões gramaticais em torno do *code-blending*, por sua vez, podem procurar respostas para perguntas como: “quais as consequências da remoção de restrições articulatórias na produção de linguagem bilíngue?” (EMMOREY et al., 2005, p. 664).

Neste sentido, são investigados, por exemplo, casos que envolvem a sobreposição de línguas com foco nas categorias gramaticais empregadas. Conforme Emmorey et al., há uma diferença entre *code-switching* e *code-blending* com relação a este aspecto. As autoras

argumentam que “substantivos tendem a ser facilmente inseridos dentro de um *code-switching* intrassentencial, mas verificamos que os verbos eram mais utilizados no *code-blending* por bilíngues ASL-inglês” (2005, p. 671).

De qualquer forma, o caráter de complementaridade entre as línguas envolvidas é recorrente para sobreposição e alternância. Emmorey et al. (2005) argumentam que há, em geral, uma equivalência semântica nas sobreposições de ASL-inglês, sujeita, contudo, às restrições temporais e linguísticas. Quadros et al. (2013a) mostram como crianças bilíngues bimodais (em Libras-português e ASL-inglês) desenvolvem a habilidade de coordenar a produção manual e vocal, utilizando, por exemplo, recursos como a repetição ou a contenção para reparar algo mal coordenado temporalmente entre a fala e o sinal ou mesmo como frutos de estratégias conversacionais.

Isso implica uma hipótese de produção simultânea de línguas, com uma única computação sintática, em oposição à hipótese contrária de que poderia haver duas computações operando simultaneamente. Quadros et al. (2013a) defendem essa proposta ao se basearem na afirmação anterior de Lillo-Martin et al. (2001, apud QUADROS et al., 2013a), por sua vez orientada pelo Modelo Minimalista de Alternância de Línguas de MacSwan’s (1999, 2005).

Essa abordagem considera que, mesmo com a ativação simultânea de duas línguas, há sempre a produção de apenas uma proposição sintática de cada vez, dado que a morfologia distribuída pode explicar a produção simultânea de duas formas fonológicas, o que é proporcionado justamente pela disponibilidade articulatória-perceptual de sistemas distintos (QUADROS et al., 2013a, p.387).

Neste ponto, *code-switching* e *code-blending* mais uma vez se assemelham quanto aos mecanismos de interação entre as línguas. As propostas baseadas no modelo de JeffMacSwan (cf. LILLO-MARTIN et al., 2010) consistem na aplicação, aos dados de *code-blending*, de um modelo teórico de base gerativa (MACSWAN, 1999, 2009), já largamente utilizado para tratamento do *code-switching*.

A adequação de propostas como essa, em nosso entendimento, reforça a ideia de que os dois fenômenos são relacionáveis e devem ser analisados como um *continuum* no bilinguismo intermodal, tal como se dá entre fenômenos também relacionáveis no bilinguismo unimodal. Neste sentido, *code-switching* e empréstimo, por exemplo, foram analisados de forma relacionada por Myers-Scotton (1993a) e Mesquita (2015), por não apresentarem

distinções quanto aos procedimentos morfossintáticos durante a produção da linguagem, estando, portanto, sujeitos às mesmas regras.

Também como um *continuum*, *code-blending* e *code-switching* podem ser marcadores sensíveis de situações sociolinguísticas e desempenhar funções discursivas e sócio-pragmáticas. Algumas pesquisas têm comparado o uso entre os dois fenômenos. Apesar de as pesquisas sobre o bilinguismo bimodal geralmente disporem de quantitativos menores de participantes (em relação a alguns trabalhos sociolinguísticos, por exemplo, que dispõem de dados representativos de comunidades inteiras ou de segmentos delas), as análises têm apontado para a predominância do uso de sobreposição em detrimento da alternância no comportamento linguístico de crianças (PETITTO et al., 2001) e também ao comparar a produção entre adultos e crianças (EMMOREY et al., 2008; SOUSA e QUADROS, 2012).

Emmorey et al. (2005) examinaram a comunicação bilíngue em adultos que adquiriram naturalmente as duas línguas, a falada (inglês) e a de sinais (ASL), sem instrução explícita. Ao comparar as ocorrências de *code-switching* em seu *corpus*, chegaram aos mesmos números de Petitto et al. (2001), ou seja, 94% de sobreposição e apenas 6% de alternância, o que caracteriza a preferência por parte dos surdos e também dos Cotas pesquisados por sobrepor as línguas em vez de alterná-las.

Em geral, as pesquisas citadas consideram as estratégias discursivas para uso de *code-switching* e *code-blending* sensíveis a algumas questões de ordem sociolinguística. Quadros et al. (2014, p. 15) justificam que “algumas comunidades podem se aproveitar do uso da mistura de línguas entre aqueles que sejam bilíngues, enquanto outros procuram evitá-las”. As autoras demonstram que a produção de crianças bilíngues bimodais é sensível aos seus interlocutores, ou seja, a seleção das línguas varia conforme os interlocutores (bilíngues ou monolíngues na língua oral ou de sinais) e a língua alvo observada nas sessões analisadas.

Vários estudos têm apontado a importância do papel dos interlocutores na produção linguística. O estudo de Bishop (2006, apud QUADROS et al., 2013a), com enfoque na fala dos Cotas, observou que os bilíngues bimodais, especialmente na presença de outros com a mesma habilidade, utilizavam o *code-blending* em contextos específicos. Mallory et al. (1993) observaram que a sobreposição de línguas nos eventos de fala entre as crianças Cotas ocorre mais do que entre crianças surdas, devido o fato de haver maior frequência de sobreposição na fala dos pais. Essa análise concorda com a hipótese de Enmorey et al. (2008), segundo a qual crianças Cotas utilizam com mais frequência a sobreposição de línguas por conta do *input* recebido de pais surdos, que falam e sinalizam quando se comunicam com filhos ouvintes.

Ainda assim, foram observadas sobreposições de línguas em situações em que o interlocutor não conhece a língua de sinais. A hipótese levantada por Quadros et al. (2014) segue a afirmação de Emmorey et al. (2008), para quem a inibição ou supressão de uma das línguas demanda um esforço cognitivo maior do que a sobreposição, como no caso do *code-switching*, em que uma das línguas é inibida para que a outra seja utilizada. Quadros et al. analisam o caso de crianças (em especial uma delas, de nome BEN) e concluem:

Nós acreditamos que essa tendência a sobrepor as línguas por razões relacionadas a não necessidade de aplicar um esforço de processamento para inibir uma das línguas explica o uso de sobreposições por BEN, nas sessões em que a língua alvo é a língua de sinais. O mesmo pode explicar o tipo de produções observadas nas demais crianças, mesmo que os demais tenham usado muito menos sobreposições, quando comparados ao BEN (2014, p. 15).

Apesar da alternância e sobreposição atenderem às intenções comunicativas dos falantes, cumprindo funções discursivas diversas, parece haver funções que são específicas de um ou outro recurso. Sousa e Quadros (2012) citam, por exemplo, a alternância de línguas orais para línguas de sinais no momento de refeições, em que há uma restrição físico-articulatória do canal oral. Essa função da alternância só é possível, vale ressaltar, para bilíngues bimodais. Estudos sobre as funções discursivas e sócio-pragmáticas do *code-switching* entre línguas orais já foram largamente explorados em contextos diversos (GUMPERZ, 1982; MYERS-SCOTTON, 1993b; RICHARDSON, 2000). Uma janela é aberta, então, para vislumbrar que demais situações/intenções comunicativas estariam relacionadas ao uso de *code-blending* e *code-switching* por bilíngues bimodais.

Considerações finais

Em estudos sobre o bilinguismo, o amplo entendimento de fenômenos como o *code-blending* ou sobreposição de línguas pode contribuir para oferecer respostas (ou novas perguntas) às questões já colocadas sobre a natureza da comunicação bilíngue, que vão das questões gramaticais (restrições, adequações fonológicas, morfossintáticas, semânticas, etc.) a fatores extralinguísticos, tais como a influência dos contextos socioculturais e situacionais, passando ainda pelas questões de aquisição bilíngue bimodal (QUADROS et al., 2013a, 2013b) e de aplicação à educação e ensino de língua(s).

Há várias outras questões a se esclarecer sobre o *code-blending*, como, por exemplo, a que é colocada por Quadros et al.: “Por que a língua de sinais influenciaria a língua falada ou

vice-versa?” (2013a, p. 385) ou ainda sobre a natureza dessa interinfluência, da interação entre gramáticas de línguas com diferenças tipológicas/estruturais, e os mecanismos linguísticos que tornam isso possível (HULK & MÜLLER, 2000 apud LILLO-MARTIN et al., 2010). Outras ainda dizem respeito às possíveis relações da sobreposição (e também da alternância) com fatores políticos, socioculturais, educacionais, fatores relacionados à identidade e ideologias dos bilíngues bimodais.

Estudos teóricos sobre alternância de línguas e suas metodologias têm sido aplicados em dados de sobreposição. Além do já citado modelo teórico de MacSwan (1999, 2009), baseado no minimalismo gerativista, também o modelo MLF (*Matrix Language Frame Model*) de Myers-Scotton (1993a) foi utilizado nos dados de *code-blending* por van den Bogaerde e Baker (2005, 2009 apud QUADROS et al., 2014) e Baker e van den Bogaerde (2008 apud QUADROS et al., 2014). O MLF (MYERS-SCOTTON, 1993a) também foi utilizado no Brasil, porém em estudos sobre o *code-switching* envolvendo as modalidades orais do português e inglês (RICHARDSON, 2000) e, mais recentemente, entre a língua indígena xerente em alternância com o português, por falantes bilíngues indígenas (MESQUITA, 2015). Neste sentido, o *code-switching* é considerado, neste artigo, como um *continuum* em relação ao *code-blending*, além de se tratarem de fenômenos em não rara coocorrência na produção linguística de bilíngues bimodais.

Atualmente, as pesquisas relacionadas ao *code-blending* recebem mais atenção, à medida que é reconhecida a importância do fenômeno para o entendimento da interação entre gramáticas de línguas de diferentes modalidades, para maior compreensão do comportamento (sócio)linguístico dos usuários dessas línguas e ainda a contribuição de tais estudos para a educação escolar. A intenção de apresentar um pequeno recorte das pesquisas já realizadas sobre tal fenômeno liga-se também ao desejo de incentivar e fornecer alguns direcionamentos para futuras pesquisas.

Abstract

In this paper, we tried to make a dialogue with some of the important studies on the linguistic phenomenon called code-blending, a characteristic phenomenon of bimodal bilingualism. Bimodal language speakers may sign a sign language and speak an oral language, both alternately and simultaneously, which is not provided to unimodal speakers. The aim of the work is to encourage and provide to further researches a direction to new investigations about a phenomenon still little explored in the literature. Thus, we performed a brief literature review, with greater emphasis on some of the important publications made in the last two decades, period when it started to call the attention when observed under different approaches, blunting it as a relevant theme for several research fields. A greater focus is placed on the

discussions about the characterization of code-blending as a distinct phenomenon and at the same time relatable to code-switching.

Keywords: bimodal bilingualism, code-blending, code-switching.

Resumen

En este artículo, buscamos el diálogo con algunos de los principales estudios realizados en el fenómeno lingüístico llamado *code-blending*, un fenómeno característico del bilingüismo bimodal. Bilingües bimodales pueden señalar una lengua de señales y hablar una lengua hablada alternativamente al mismo tiempo, lo que no ocurre con “unimodales”. El objetivo es fomentar y proporcionar la dirección futura de investigación para nuevas pesquisas sobre un fenómeno aún poco explorado en la literatura. Por lo tanto, se realizó un breve repaso bibliográfico, con mayor énfasis en algunas de las publicaciones más importantes realizadas en las últimas dos décadas, tiempo durante el cual se comenzó a llamar la atención acerca del asunto para ser observado bajo diferentes enfoques, ocurriendo el lanzamiento como un tema relevante para varios áreas de investigación. Un mayor énfasis se coloca en las discusiones sobre la caracterización de *code-blending* como un fenómeno distinto y al mismo tiempo relacionar-lo con el *code-switching*.

Palabras clave: bilingüismo bimodal, *code-blending*, *code-switching*.

Referências

BLOM, Jean-Petter; GUMPERZ, John. J. Social meaning in linguistic structures: Codeswitching in Northern Norway. In: GUMPERZ, John. J.; HYMES, Dell (Eds.). **Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart: Winston, 1986 [1972]. p. 407-434.

EMMOREY, Karen; BORINSTEIN, Helsa B.; THOMPSON, Robin. Bimodal bilingualism: code-blending between spoken English and American Sign Language. In.: James Cohen, Kara T. McAlister, Kellie Rolstad, and Jeff MacSwan (Eds.). **Proceedings of the 4th International Symposium on Bilingualism**. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2005. p. 663-673.

EMMOREY, Karen; BORINSTEIN, Helsa B.; THOMPSON, Robin; GOLLAN, T.H. Bimodal bilingualism. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 11, n. 1, 2008. p. 43-61.

FUNG, Cat H.-M; TANG, Gladys. Aquisição simultânea de Língua Gestual de Hong Kong e Cantonês: violação da gramática de code-blending. **Cadernos de Saúde**, Vol. 6. Aquisição das Línguas Gestuais / Sign Language Acquisition. 2013. p. 39.

GROSJEAN, François. **Life with two languages: an Introduction to Bilingualism**. Harvard University Press, 1982.

GUMPERZ, John J. (Ed.). **Discourse strategies**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1982.

LILLO-MARTIN, Diane; QUADROS, Ronice Müller de; KOULIDOBROVA, Helen; PICHLER, Debora Chen. Bimodal bilingual cross-language influence in unexpected domains.

In.: Costa, Lobo and Pratas (eds.) **Language acquisition and development: Proceedings of GALA 2009**. Cambridge Scholars Publishing, 2010.

MACSWAN, Jeff. **A minimalist approach to intrasentential code switching**. New York: Garland Press, 1999.

MACSWAN, Jeff. Generative approaches to codeswitching. In A. J. Toribio & B. E. Bullock (eds.), **Cambridge Handbook of Linguistic Codeswitching**. Cambridge University Press, 2009. p. 309-335.

MALLORY, Barbara; ZINGLE, Harvey; SCHEIN, Jerome. Intergenerational communication modes in deaf-parented families. **Sign Language Studies**, v. 78, 1993. p. 72-91.

MESQUITA, Rodrigo. **Code-switching em akwẽ-xerente/português**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2015.

MYERS-SCOTTON, Carol. **Duelling Languages: Grammatical Structure in Code-switching**. Clarendon Press: Oxford, 1993a.

MYERS-SCOTTON, Carol. **Social Motivations for Codeswitching: Evidence from Africa**. New York: Oxford University Press, 1993b.

PETITTO Laura, KATERELOS Marina, LEVI Bronna, GAUNA Kristine, TETRAULT Karine, FERRARO Vittoria. Bilingual signed and spoken language acquisition from birth: Implications for the mechanisms underlying early bilingual language acquisition. **Journal of child language**, v. 28, n. 2, 2001. p. 453–496.

POPLACK, Shana. Sometimes I'll start a sentence in English y termino en español. **Linguistic**, v. 18, 1980. p. 581-618.

QUADROS, Ronice Müller de; LILLO-MARTIN, Diane; PICHLER, Deborah Chen. O que bilíngues bimodais têm a nos dizer sobre desenvolvimento bilíngue? **Letras de Hoje**, v. 48, n. 3, 2013a. p. 380-388.

QUADROS, Ronice Müller de; PICHLER, Deborah Chen; KOZAK, Viola; CRUZ, Carina Rebello; PIZZIO, Aline Lemos; LILLO-MARTIN, Diane. *Mais do que a soma das partes: Aspectos fonológicos da aquisição bilíngue bimodal da linguagem*. (Resumo). **Cadernos de Saúde**, Vol. 6. Aquisição das Línguas Gestuais / Sign Language Acquisition. 2013b. p. 85.

QUADROS, Ronice Müller de; LILLO-MARTIN, Diane; PICHLER, Deborah Chen. Sobreposição no desenvolvimento bilíngue bimodal. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 4, 2014, p. 1-19. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em 18 mar. 2015.

RICHARDSON, Viviane. **Portu-English: análise de code-switching português-ínglês no discurso coloquial de uma família bilíngue**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2000.

SOUSA, Aline Nunes; QUADROS, Ronice Müller de. Uma análise do fenômeno “alternância de línguas” na fala de bilíngues intermodais (Libras e Português). **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. p. 329-346.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact**. New York, Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1953.